

ANTUNES, Ricardo. (org.). *Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil II*. São Paulo: Boitempo, 2013, 447 p.

por Ricardo Lara*

Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil II, organizado por Ricardo Antunes, é resultado de pesquisa coletiva composta por qualificados pesquisadores de várias Universidades do Brasil e do exterior. O livro oferece aos leitores vinte e quatro artigos que investigam as atuais configurações do *mundo do trabalho* e suas tendências. Análises sobre terceirização, informalidade, intensificação e precarização do trabalho conectam-se as formas de resistência e luta dos trabalhadores diante da crise do capitalismo contemporâneo. O objetivo teórico de fôlego que perpassa o livro é discutir os elementos centrais do processo de reestruturação produtiva, desencadeado nas últimas décadas, e analisar as principais mudanças que ocorreram nos processos de trabalho e suas incidências sobre as novas formas de exploração da força de trabalho e produção do mais-valor.

O livro é organizado em três partes. A primeira – “O sistema global do capital e a corrosão do trabalho” – apresenta ensaios que abordam a *nova morfologia do trabalho*, a precarização/intensificação do trabalho, a imigração dos trabalhadores na Europa, o debate teórico-conceitual sobre a concepção de classe trabalhadora, proletariado e trabalho imaterial. Os artigos compõem uma unidade dialética no diálogo crítico com a bibliografia recente das ciências sociais e buscam na teoria marxista do valor-trabalho a principal referencia teórica e política. Ganham relevâncias os esforços dos pesquisadores ao analisarem a invisibilidade das formas vigentes de exploração da força de trabalho e a conseqüente valorização do valor. Parafraseando o organizador, a análise do capitalismo atual nos obriga a compreender que as formas vigentes de valorização do valor trazem embutidos novos mecanismos geradores de trabalho excedente, ao mesmo tempo em que expulsam da produção uma infinidade de

* Ricardo Lara – Doutor em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professor do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis-SC, Brasil. Email: ricbrotas@ig.com.br

trabalhadores que se tornam sobrantes, descartáveis e desempregados. Esse processo tem clara funcionalidade para o capital, uma vez que permite a ampliação dos desempregados e reduz ainda mais a remuneração da força de trabalho, em amplitude global, pela retração salarial daqueles que se encontram empregados. Diante dessa configuração, a hipótese de Antunes (2013, p. 14) *é de que a aparente invisibilidade do trabalho é a expressão fenomênica que controla a real geração de mais-valor em praticamente todas as esferas do mundo laboral nas quais ele possa ser realizado.*

Após os ensaios de fundamentação teórico-conceitual de abertura do livro, a segunda parte – “As formas de ser da reestruturação produtiva no Brasil e a nova morfologia do trabalho” – apresenta cuidadosas pesquisas empíricas que analisam e denunciam as condições de trabalho nos diversos setores e ramos da economia brasileira. São estudados os setores e ramos petroquímico, metalúrgico, aeronáutico, educação, fumageiro, hoteleiro, agronegócio (avícola e canavieiro) e os conflitos de terra. Entrevistas realizadas com trabalhadores dos diferentes ramos e setores ilustram as condições do trabalho precário e intensificado no Brasil contemporâneo. Os estudos de casos opõem-se, com lente científica, a ilusão ideológica denominada *neodesenvolvimentista*. As análises realizadas pelos autores demonstram a convivência entre as formas arcaicas e modernas de exploração da força de trabalho, o que caracterizam uma verdadeira *nova morfologia do trabalho*. Informalidade, terceirização, adoecimento, estresse, desemprego atingem os trabalhadores que vão desde o chão de fábrica aos considerados profissionais dos serviços. São os casos dos professores, camareiros, cortadores de cana, petroleiros, trabalhadores rurais que são ocupados nas mais diversificadas demandas da produção, da circulação e do consumo. Na segunda parte do livro evidencia-se com radicalidade a relação contraditória entre riqueza e miséria do trabalho.

A terceira parte – “Os sindicatos na encruzilhada: ação e resistência dos trabalhadores” – traz à tona as lutas sociais do trabalho, em especial a resistência organizada dos trabalhadores por meio dos sindicatos. Os artigos que fecham o livro abordam as tendências do movimento sindical nacional e internacional. Os autores desferem críticas necessárias aos atuais caminhos que o sindicalismo vem trilhando. As investigações demonstram que boa parte do movimento sindical, entre eles as principais centrais sindicais do Brasil, com destaque para a Força Sindical (FS) e Central Única

dos Trabalhadores (CUT), priorizam a negociação com o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) e, por conseguinte, realizam acordos patronais, em vez de organizar e mobilizar a base para confrontar a política de classe da burguesia nacional e internacional. O apoio aberto e sem medo ao governo do PT, no caso da CUT, a impede de apresentar as demandas autênticas dos trabalhadores, na maioria dos fatos limitam-se a reivindicações e críticas pontuais. Nas palavras de uma das autoras: “A tênue divisória que separa o sindicalismo propositivo e o de resultados dissolve-se num sindicalismo de prestação de serviços, que compromete a independência política e ideológica das centrais diante do capital”. (GALVÃO, 2013, p. 367). No fechamento do livro os temas: luta de classes, neoliberalismo, cooptação, corporativismo, cooperativismo e privatizações são abordados através de pesquisas sobre as empresas ocupadas e assumidas pelos trabalhadores, o caso da Flakô; a adesão sindical às privatizações no caso da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (USIMINAS). Ou seja, expressões concretas da atual ofensiva do capital aos direitos trabalhistas e, simultaneamente, ataques as formas históricas de resistências dos trabalhadores.

“Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil II” oportuniza aos leitores do meio acadêmico, político e cultural uma visão desnaturalizada das relações e condições de trabalho nesse início de século. As pesquisas que estudam os setores e ramos da economia, as investigações sobre as formas vigentes de produção e valorização aliadas as análises críticas dos movimentos de resistência do trabalho mensuram e comprovam que as tecnologias atuais, sob o controle da acumulação capitalista, combinam formas arcaicas e modernas de dominação de classe e, fundamentalmente, geração do mais-valor que se amplia para todos os espaços do mundo laboral, na necessidade insaciável do capital de manter seu ciclo de produção, valorização e realização.